

UM SABER SEM ESCRITA: VISÃO DE MUNDO DO ANALFABETO*

Marlene Garcia

da Fac. de Biblioteconomia e Comunicação/UFRGS

e

doutoranda em Antropologia Social/USP

RESUMO

A sociedade complexa, em sua diversidade cultural, é fundada na leitura e escrita. Para apreender como o analfabeto se situa nessa sociedade, a pesquisa acompanhou, durante dois anos, dez adultos analfabetos de condições diversas quanto à escolarização, atividade, crença religiosa e sexo, residentes em Porto Alegre (RS), através do convívio, e da análise de seus depoimentos e histórias de vida. Seus valores e atitudes no trabalho, nas relações com posse de propriedade, sucessão hereditária, os direitos de cidadão ou compromissos comerciais, assim como sua visão da escola e sua adesão a crenças religiosas baseadas na palavra escrita da Bíblia permitem apreender como, numa vivência conduzida pela oralidade, podem ser percorridos os espaços sociais construídos e regidos pela cultura letrada. A visão de mundo do analfabeto decorre de sua convivência com o mundo da escrita, do qual participa e no qual faz emergirem as incoerências e conflitos.

ABSTRACT

Complex society with its cultural diversity is founded on reading and writing. In order to understand how illiterate people view themselves in this society, the research has followed ten illiterate adults of different occupations, religiousness and sex, living in Porto Alegre (RS). Close 2-year contact and the analysis of their speeches and life histories allowed to assess their values and attitudes toward work and situations involving property ownership, inheritance, civil rights or commercial commitments, as well as their views on schooling and their religious beliefs, in the case of two protestants whose beliefs are based on Bible's written word. It is then possible to see how social space built and ruled by literate culture is experienced through orality. The illiterate's vision of world draws on this experience of the literate world in which he or she takes part and from which they make clearly arouse incoherence and conflicts.

* Artigo extraído da dissertação da autora (Garcia, 1987).

Este trabalho está dirigido para o estudo da participação do analfabeto na sociedade complexa através dos princípios de organização que orientam seu comportamento. Como parte, o analfabeto integra o sistema de diversidade cultural que configura a sociedade complexa. Para determinar a idiosincrasia de sua cultura, no contexto maior, é necessário identificar a natureza dos princípios de organização ou códigos cognitivos que regem sua conduta em diferentes situações sociais.

Para situar o analfabeto, parti de seu modo de comunicação, a oralidade, no interior do meio social onde vive. Transitando na sociedade complexa, a oralidade do analfabeto deriva da cultura escrita com a qual interage. O analfabeto, nessa sociedade, é portador de uma oralidade mista onde a influência da escrita é externa, parcial e retardada.

Comunicando-se pela oralidade, o analfabeto confunde-se com o alfabetizado, nas situações comuns de vida. Isso leva à pergunta de difícil resposta: — "onde está o analfabeto?". Mencionado com frequência, sua identificação torna-se árdua porque, sem grande esforço, pode-se verificar que a fronteira que separa alfabetizado e analfabeto "é muito vaga e qualquer valor quantitativo de semi-alfabetizado seria arbitrário" (Cipolla, 1969, p. 15).

Isso leva a que o analfabeto seja representado de forma indefinida, onde não constam os atributos essenciais de seu processo de conhecimento, o que, em última instância, implica uma ausência conceitual. Porém, como aporte metodológico, usei uma definição nominal de analfabeto, formulada pela UNESCO (800 milhões... 1980), que considera "analfabeta a pessoa incapaz de exercer todas as atividades para as quais é necessário saber ler, para o bom funcionamento do grupo e da comunidade e também para que a pessoa continue a utilizar-se da leitura, da escrita e da aritmética em prol de seu próprio desenvolvimento e o da comunidade". Essa definição nominal orientou, por princípio, a forma do quadro observado, ou seja, do grupo de analfabetos. Duas considerações são efetivadas nessa formulação, compromisso e habilidade.

Assim, a seleção do grupo foi orientada para os indivíduos adultos, de ambos os sexos. A idade adulta é considerada como o tempo social, onde está implícito o assumir de obrigações com o grupo, sem maior relevância ao tempo cronológico, idade de vida do indivíduo. Considerando a habilidade no aspecto individual, foram selecionados indivíduos de conhecimento diferenciado da escrita e da leitura, mas sem condições de seu uso contínuo. Sob o aspecto social, a seleção orientou-se por atividades e idéias, como elementos agregadores. No plano das atividades, o analfabeto foi identificado em vários espaços ocupacionais, com um grau distinto de exigência da prática de leitura e escrita.

No plano das idéias, a educação foi usada para determinar um valor individual e um princípio formador da unidade social. Nas duas situações procurei interpretar o termo desenvolvimento referido na definição nominal, quando afirma ser analfabeta a pessoa incapaz do uso contínuo da "leitura, escrita e aritmética em prol de seu desenvolvimento e da comunidade". Segui, assim, o pressuposto de Goodnough (1961), que considera a educação como um processo onde o indivíduo é levado a "desenvolver suas identidades de modo socialmente aceitável". Então, o analfabeto que procura alfabetizar-se pode ser considerado como alguém que pensa numa mudança de identidade. Ao

fim do processo, terá novas situações e estará apto a assumir novos papéis na sociedade.

Ainda no plano das idéias, a nível associativo, a procura do analfabeto orientou-se através do grupo formado por crenças religiosas. Nesse particular, optei pelo protestantismo onde a leitura é um ato fundamental. Com esse procedimento, o trabalho visa identificar a visão de mundo do analfabeto cuja a religião implica uma leitura de ensinamentos que orientam sua vida espiritual.

Considerando os fatores apontados, foram selecionados dez analfabetos para comporem o grupo a ser investigado. São pessoas que vivem na cidade, pois esta é considerada o espaço ideal de observação da sociedade complexa.

Esse grupo heterogêneo, unido pela característica analfabeto, tem a seguinte composição. Quanto à atividade, cinco são servidores públicos em uma instituição universitária, dos quais duas atuam numa biblioteca; um é empregado em distribuidora de bebidas e uma é faxineira; há ainda um pequeno comerciante, uma empregada do comércio e um aposentado rural.

Quanto à escolarização, seis freqüentaram cursos de alfabetização e quatro declaram não ter interesse em se alfabetizar. Finalmente, quando à crença religiosa, dois freqüentam igrejas protestantes, sendo um da Igreja Evangélica e uma da Igreja Pentecostal; os demais não tem ligação religiosa definida. Quanto à distribuição por sexo, o grupo é formado por seis mulheres e quatro homens.

Durante aproximadamente dois anos, entre fins de 1985 e meados de 1987, convivi com eles. Através de suas histórias de vida, de suas respostas quando solicitadas, da observação que me permitiram, colhi subsídios para este estudo.

Como variáveis componentes do esquema cultural do analfabeto, foram usados: pessoa, acontecimento e finalidade. O analfabeto, como pessoa, foi considerado como sujeito e objeto da ação e do fim proposto. O acontecimento foi considerado em função do tempo e do espaço onde se produz. A finalidade foi determinante e determinada pelas duas componentes anteriores. Mediante a interligação das variáveis com as categorias de tempo, espaço e causalidade pretendeu-se identificar a visão de mundo do analfabeto.

Do que me foi permitido perceber, apresento as reflexões que se seguem.

MINHA ESCOLA É A VIDA

A escola é o espaço de iniciação à cultura escrita que ocorre nos primeiros anos de vida, para que o indivíduo esteja pronto a principiar a cultura letrada. Logo, é na infância que a escola ensina as primeiras letras.

Esta aprendizagem não se realizou para os analfabetos que foram ouvidos porque foi um tempo que não viveram. Quando crianças, ou não estiveram presentes no espaço da escola ou por aí transitaram tão apressadamente que a cultura escrita não foi apreendida por eles. Mas a escola é comum a todos porque, embora não a tenham vivido, está presente a esses analfabetos na medida em que opinam vivamente sobre este espaço.

Destarte, Jaci, Luís, D. Margarida, Adélia, D. Maria, "seu" Ivo nunca foram à escola porque, neste tempo, já

viviam em meio aos adultos, ocupados no trabalho. Como crianças, eram dirigidos pelos adultos que decidiam que espaços deveriam frequentar. Havendo muito trabalho, os adultos tiveram de dividir com eles suas tarefas. Não havia tempo suficiente para partilhar entre o trabalho e a escola. E os pais não os levaram até lá.

Os outros, Davina, Francisco, D. Antonia, "seu" Júlio foram à escola, mas pouco ou nada resta do que aí aprenderam. O pouco contato que tiveram com a escrita não lhes permitiu conhecê-la suficientemente para praticá-la. Hoje, o conhecimento que têm da cultura escrita, embora tenham frequentado a escola, iguala-se aos dos outros que nunca ali estiveram. Unindo-os está a memória pormenorizada do trabalho que vivem desde a infância.

A vida ativa que levam, desde crianças, os torna pessoas atentas às transformações do tempo. Assim, como adultos, esses analfabetos sabem que não podem repetir a ação de seus pais, quando não os enviaram à escola. Agem segundo a atualidade em que se inserem, onde, conforme as palavras de D. Margarida, "... a continuação com o povo" faz ver que a realidade é outra, diferente do que foi, segundo ela:

antigamente... o tempo era uma grossura...

O erro de seus pais, exemplificado através da declaração sobre a mãe,

a coitadinha foi criada assim também...

não é reincidido. O contato com a sociedade letrada faz o analfabeto encarar a escola sob nova perspectiva, ou seja, como o espaço onde o tempo da criança deve ser efetivamente ocupado. Entretanto, a ênfase que os analfabetos depositam na escolarização dos filhos difere entre eles. Dessa forma, D. Antonia mandou os filhos à escola, mas, conforme suas próprias palavras:

se eles iam, isso era com eles mesmo.

D. Margarida, por outro lado, não se limita a mandar o filho à escola, mas acompanha seu aproveitamento. Sua declaração é elucidativa:

Mas ele tá indo bem. Ainda está estudando... Graças a Deus os filhos da gente não pode deixá...

Outros, como Jaci, são mais enfáticos, pois, mesmo que o filho não se adapte de todo à escola, ainda assim, insiste em sua permanência:

Já disse, ele fica velho mas sempre no colégio, até aprendê.

Em suma, os filhos destes analfabetos não repetirão seus pais, que reconhecem a escola como um espaço indispensável para o entendimento da sociedade letrada.

A compreensão da sociedade letrada que pretendem dos filhos induz alguns deles a voltar à escola para se alfabetizar. Assim fizeram Luís, Davina, Adélia, D. Margarida, D. Maria e Francisco. Tentam, com esse ato, recuperar o tempo passado, quando não conseguiram aprender a ler e escrever. O conhecimento da sociedade letrada, que se revela através das palavras de seus integrantes, move esses analfabetos para a conquista de seu fundamento, a alfabetização.

Entretanto, a alfabetização não é fácil para eles, porque é deles a responsabilidade integral do trabalho. Se na infância trabalharam, foi para auxiliar os responsáveis de então. Hoje, são eles os adultos que devem ocupar os espaços de trabalho. Há, assim, para esses analfabetos,

uma defasagem em suas idades porque trabalharam na infância e procuraram escolarizar-se quando adultos.

Chegando, na idade adulta, pela primeira vez à escola, já não encontram facilmente o que procuram. Alfabetizar-se, agora, é oneroso para eles que vêm, conforme D. Maria, com a "cabeça cansada"...

A fadiga que dificulta seu aprendizado é originada nas muitas preocupações que trazem, essencialmente do espaço do trabalho. E nesse momento, o da idade adulta, são eles que respondem pela manutenção da sociedade em que vivem.

Ainda como adultos, não encontram a escola preparada para recebê-los. Tudo neste espaço é afeito à criança, preferindo o adulto analfabeto. A escola quer amenizar a alfabetização tardia com as mesmas distrações que oferece à criança, oferecendo-lhes passeios e festas. Tal prática é interpretada por um deles, Luís, quando fala:

a gente perde tempo...

Por outro lado, como é retardatário, a escola pensa alfabetizá-lo de imediato, instando com ele, "vocês tem que ler", segundo o relato de Adélia, quando, na realidade:

Como eu não sabia ler, não lia.

E, como o analfabeto não lê, no tempo pretendido pelo alfabetizado que o ensina, é deixado de parte ou transferido para outro professor.

A sucessão de professores é argüida como um dos obstáculos ao sucesso do analfabeto na escola, conforme as palavras de D. Maria:

...entrava um professor e saía, entrava outro. Quando a gente queria se acostumar, o professor ia embora...

Como analfabetos, vivem o mundo da oralidade onde os contatos pessoais, estabelecidos no conhecimento de interlocutores, são imprescindíveis para um entendimento adequado. Assim, esse entrar e sair de professores impede que se estabeleça a confiança mútua, no interagir do alfabetizado com o analfabeto.

Outrossim, a mudança contínua de professores sugere ao analfabeto o grande número de letrados que a escola promove. Sendo muitos, são concorrentes no espaço que lhes é próprio, a sociedade letrada. Este é um dos raros momentos em que percebem desvantagens da educação.

A afluência de letrados torna-os excedentes no espaço de trabalho; é como interpreta Luís o desemprego dos engenheiros, numa situação vivida:

É o negócio desse pessoal que tem estudo, tem muito doutô...

Além de serem muitos, a permanência na escola, às vezes, compromete seu desempenho na vida, como bem situa "seu" Ivo, ao mencionar um detentor da cultura escrita:

Apesar de ter estudado, não tem nada na vida. É um pobretão.

E ESSA NINGUÉM FALSIFICA

Assim, Jaci, Luís, D. Margarida e os outros, embora tenham sido aliados da cultura escrita, convivem com a cultura letrada, frequentando os diversos espaços demarcados pela escrita. As interligações escritas da sociedade letrada constituem os obstáculos que esse analfabetos atravessam, no seu trânsito necessário.

A assinatura, como marca do indivíduo nos atos da sociedade letrada, é um acontecimento ocasional para os analfabetos. Ocasional porque eles são pessoas comuns, tal qual a maioria dos alfabetizados, cuja assinatura só é solicitada em tempo e lugar determinados. E, quando isso ocorre, a falta de firmeza do traço ou a ausência deste, substituída pelas impressões digitais, não significam um gesto vazio.

O não "assinar no escuro", conforme as palavras de Adélia, é o sinal que expressa a acuidade do analfabeto ante os trâmites da sociedade letrada. Ainda que não leia as direções escritas formalizadoras dos documentos que conduzem a sociedade letrada, o analfabeto, enquanto cidadão, sabe-lhes o valor e força probante. E, como tal, resguarda sua responsabilidade, buscando junto ao letrado de sua confiança a leitura autorizada do documento a ser firmado. A experiência conduz sua ação e os possíveis insucessos causados por assinaturas indevidas, como o ocorrido com "seu" Júlio, previnem novas situações semelhantes.

"Seu" Júlio, que vive no interior, tinha sido contratado com todas as formalidades, inclusive carteira de trabalho, como se fosse empregado de uma firma sediada em Porto Alegre. Como decorrência, era detentor de todos os direitos assegurados a um trabalhador urbano, diferentemente de um rural ou doméstico. Quando foi dispensado sem justa causa (porque seu trabalho não era mais necessário), poderia dispor do saldo de sua conta do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Sabedor disso, foi entretanto levado por seu patrão a "assinar", através de sua impressão digital, um determinado papel. Mais tarde, indo ao banco receber o dinheiro a que tinha direito, foi informado de que nada mais tinha a receber, pois já quitara seus direitos com o empregador, conforme a "assinatura" aposta ao referido papel.

Em momentos, pois, em que os analfabetos são chamados a firmar determinados compromissos, privilegiam, como leitores de seus futuros contratos, certos letrados entre aqueles que pertencem a seu espaço de confiança pessoal.

O analfabeto sabe o tempo e o lugar onde a leitura deve ser absolutamente fiel ao texto escrito a que se refere; por isso, não pode ser realizada por qualquer letrado, restringindo-a, então, àqueles que pertencem a seu espaço pessoal, consequentemente reconhecidos como seus aliados. O analfabeto recorre a este grupo de interesse, sempre que necessário, ouvindo atentamente.

Sendo atento, o analfabeto é um ouvinte exigente que seleciona seus informantes. E uma informação adequada só é possível obter, como diz Jaci, entre aqueles que sabem. Logo o saber não é um valor que reconhecem em todo letrado, mas, isto sim, restrito àqueles que merecem sua confiança. É necessário que o letrado não só leia, mas interprete e explique o que está escrito. Dessa forma, os letrados separam-se, após o ato da leitura, em espaços específicos de conhecimento. O analfabeto reconhece o especialista em cada leitura, ao qual recorre, em tempo definido. Como exemplos, colocam-se Jaci e Francisco, quando procuraram advogados para que lhes interpretassem leis escritas de seu interesse.

Porque presta atenção, o analfabeto ouve e pondera as minúcias da escrita, nem sempre suficientemente claras, naquele instante onde estão expressas determinadas re-

gras. As situações de D. Antonia e Francisco são elucidativas, pois ambos, ao ouvirem a leitura circunstancial de um documento, acham-se detentores de determinados direitos. D. Antonia não entende por que está escrito que tinha direito à aposentadoria, desde uma certa idade, quando, efetivamente, só a receberá, tempos depois, sem o pagamento dos anos passados. Francisco não compreende as razões por que foi impedido de votar, quando havia um chamamento a que todos participassem da eleição, mesmo os que não tinham título eleitoral. Ambientados na oralidade, onde as dúvidas são esclarecidas no espaço da produção das palavras, o analfabeto acha incongruente a escrita que expressa uma coisa, quando quer dizer outra. Por não ler, está alheio ao encadeamento de mensagens contidas na rede de documentos escritos que, para causarem determinados efeitos, devem obedecer seqüências estabelecidas. Fica circunscrito à leitura de um texto determinado. Essa leitura localizada gera dúvidas, através de suas vagas entrelinhas, só dirimidas em outros textos produzidos em outros tempos.

Porém, o analfabeto releva determinadas confusões da palavra escrita porque sabe que esta, ainda que fixa, pode ser ocultada, substituída, destruída ou refeita, a qualquer tempo, pois está apoiada num suporte material.

Ilustra essa afirmativa a situação vivida por Luís que, já sabendo assinar seu nome, foi ao cartório para registrar sua firma; assinou a ficha ante meu testemunho e o da funcionária que o atendia. Mas, solicitado a apresentar documento de identidade, o único de que dispunha era o antigo título de eleitor, onde constava ser analfabeto — e foi-lhe recusado o registro da firma. Luís aceitou a decisão da funcionária, ponderando que voltaria noutra ocasião, com novo título que viria a tirar, onde não mais constasse aquela condição. Como analfabeto, sabe de suas possibilidades na sociedade letrada.

A inconstância da palavra escrita sugere ao analfabeto que a mesma pode ser entendida pelo leitor, a qualquer tempo e lugar. Basta saber ler para entender o que foi traçado com a intenção de dizer algo por escrito. Assim, Jaci e "seu" Ivo registram números para serem lidos pelo letrado. Jaci não tem maiores cuidados se os números estão corretamente grafados, cabendo ao leitor entendê-los. Ela, enquanto analfabeta, não se preocupa com a exatidão do registro, bastando-lhe o sentido de mensagem constituída por suas características essenciais. Pensa a escrita como a fala, desobrigada de regras e inteligível a qualquer tempo, uma vez situados os parceiros do diálogo. Jaci e "seu" Ivo, analfabetos, agem livremente pela ausência do leitor, no ato de produção da escrita. Mas, mesmo a presença do leitor não coíbe o traço irregular do analfabeto, quando este necessita expressar-se por escrito. D. Margarida confirma tal fato, pela atitude que assume ante à ameaça de recusa de sua assinatura, pela sociedade letrada. É elucidativa a ponderação que usa, ao declarar vivamente sua inconformidade, pois "errar é humano...", incluindo-se, neste espaço, as regras ortográficas.

A escrita, quando possível, realizada pelo analfabeto sofre as injunções do espaço letrado que exige obediência estrita às normas estabelecidas. Entretanto, é um pouco menos inflexível quando o iletrado interpreta a escrita. A leitura que o analfabeto consegue realizar pode ser mais lenta e, até, menos fiel ao texto. Neste ato, letrado e iletrado unem-se pela oralização da escrita. E essa interpretação,

através da leitura, admite os tropeços da fala que verbaliza a escrita.

Entretanto, o analfabeto é ciente de seu tempo mais demorado para leitura, por isso surpreende-se quando o letrado não respeita seus limites. Ilustrando essa inconformidade, aparece a situação vivida por D. Margarida, quando exposta a uma leitura pelo médico oculista. D. Margarida lê escassamente, enxerga pouco e os números são colocados a uma distância maior pelo letrado que, assim mesmo, exige uma leitura conveniente.

O letrado escreve e lê rápido porque conhece a escrita. Mas a celeridade com que realiza a escrita não consegue ser acompanhada pelo analfabeto. E, não sincronizando seu tempo com o do letrado, o analfabeto abandona o caminho. Assim, D. Margarida sai do consultório médico sem solução para seu problema.

Contudo, mesmo que a leitura formal seja deficiente ou impossível para o analfabeto, não implica um desconhecimento de seus alcances e efeitos para o letrado. É cioso em preservar o espaço deste, quando aí transita, guiado pela escrita. As preocupações de D. Margarida e Adélia, ao guardarem os livros da biblioteca em seus devidos lugares, segundo a convenção do letrado, é elucidativa.

Perguntada sobre a questão, D. Margarida diz que nunca teve dificuldades. Explica detalhadamente como procede para limpar as estantes sem comprometer a disposição dos livros e arremata:

Vou arrumando tudo direitinho... prá não dá mistura.

A troca de lugar de um livro nas estantes desorientaria o letrado, por isso cada uma delas procurou uma maneira de trabalho, independente da leitura, que resguardasse a ordem desses documentos e, conseqüentemente, a orientação do letrado.

Por outro lado, essa situação de maior proximidade com o mundo letrado sugere ao analfabeto um espaço onde os acontecimentos se sucedem em tempo diferente do seu. O saber ler e escrever possibilita um tempo mais tranqüilo porque, antecedendo ao mesmo, estariam outras pessoas, ocupando outros espaços de trabalho, realizando as tarefas preliminares. É o que fazem, como analfabetas, D. Margarida e Adélia quando por exemplo cuidam das condições físicas dos livros para que possam ser lidos, com maior tranqüilidade e menor tempo, pelo letrado. Luiz e Francisco, por exemplo, gostariam de saber ler e escrever para trabalharem parados num determinado lugar, enquanto outros transportassem suas mensagens escritas. O tempo de trabalho do letrado limita-se ao espaço do ler e escrever, não cabendo-lhe a tarefa, entre outras, de locomover as mensagens. Quem não lê ou escreve é que deve ocupar-se disso, sob a indicação do letrado. Ir e vir, entre espaços determinados, é um ato natural para o analfabeto, pois as interligações necessárias são feitas através dos contatos pessoais. A oralidade, através da fala com as demais pessoas, conduz seu agir. O analfabeto amplia seu espaço de ação pelos contatos que o informam e orientam.

Encaminhamento que lhe permite, outrossim, transitar pela sociedade letrada, superando os possíveis obstáculos que a escrita possa lhe apresentar. Peculiar é o caso de Francisco, que reivindica direitos trabalhistas, cujo conhecimento chega até ele através da conversa com colegas. Talvez, mais eloqüentes sejam os acontecimentos envolvendo D. Antonia, quando solicitava sua aposentadoria.

Analfabeta, vivendo fora dos balizamentos burocráticos da cidade, como trabalhadora rural não dispunha das provas escritas que fundamentassem seu pedido. Entretanto, se não sabia ler, nem escrever, D. Antonia dominava perfeitamente as palavras que a conduzem até as pessoas conhecedoras de sua situação. É o testemunho oral destas pessoas que substitui as provas escritas, cumprindo, assim, as exigências da sociedade letrada.

No entanto, a oralidade que apóia o analfabeto, nos múltiplos caminhos da sociedade complexa, não se basta. Como a escrita, a palavra pronunciada exige cuidados para que seja aceita por ele. No acolhimento da fala, o analfabeto é cioso de sua própria palavra. Fato comprovado por D. Antonia, quando declara:

Não troco minha palavra...

Não troca, nem confia esta palavra a qualquer um, como bem demonstra a atitude dos informantes que muito relutaram em contar assuntos pessoais para constituir este trabalho, quando pouco sabiam sobre quem os inquiria. Igual procedimento tem D. Margarida, ao lamentar sua condição de analfabeta que a impossibilita de manter correspondência pessoal, pois, segundo ela:

... se... tem que mandá uma carta, todo mundo tem que ficá sabendo o quê que tem...

Destarte, a oralidade, como a escrita, exige atenção do analfabeto, que cuida o que diz e para quem diz.

A prudência, que lhe resguarda o dizer, repete-se no ouvir. É o ouvinte atento, já revelado na leitura que lhe chega da escrita. Não ouve passivamente. Mais uma vez, a confiança pessoal torna-se imprescindível para a aceitação do que ouve. Porém, a este sentimento, junta-se o domínio próprio que ele, analfabeto, tem da palavra pronunciada. Isto faz com que não aceite tudo o que lhe dizem, mesmo vindo de alguém de sua confiança. As atitudes de Jaci, ante às sugestões políticas que lhe fazem os letrados, é uma demonstração desse ponto. O juízo que ela formula, a respeito da atuação dos próprios políticos, reforça a idéia sobre a diligência que o analfabeto empresta à oralidade.

Conhecedor da fala, o analfabeto não se deixa seduzir facilmente pela palavra, por melhor conduzida que esta seja. Por conseguinte, as mensagens que recebe do rádio ou televisão são pensadas antes de serem aceitas. Ouvem sempre, como declara Jaci:

Gosto de sabê das coisa... se eu tô num serviço e tem um rádio ligado, eu presto atenção.

Mas, ressalva que nem sempre a oralidade mediatizada é de todo adequada para obter informações, pois:

...no Fantástico não dá prá gente vê direito porque as notícia não são corrida.

Assim, Jaci mantém-se informada, ouvindo rádio e assistindo televisão. Entretanto, seleciona o meio e firma sua opinião pessoal. A possibilidade que tem Jaci de escolher o meio, entre rádio e televisão, não é a mesma de Francisco. Ela, porque transita por vários ambientes, pode escolher o que ouve, mas ele, trabalhando num local determinado, fica bastante restrito. Talvez por isso, Francisco comenta que gostaria de saber ler para melhor acompanhar as notícias através dos jornais. Segundo ele, os jornais explicam o que é dito sumariamente no rádio e na televisão.

MEU NOME ESTÁ ESCRITO NO LIVRO DO CORDEIRO

A escrita desafia Francisco, no seu trânsito pela sociedade letrada, mas não o detém. Ele, ainda que analfabeto, prossegue, indo à procura de renovados espaços, como o da religião. Francisco está em vias de conversão para uma das religiões do livro onde não poderá ler, tornando-se um crente analfabeto. Como um, entre outros, Francisco pensará a escrita diferente porque a verá no espaço da religião.

A cautela do analfabeto ante à escrita nos contratos dissipa-se inteiramente quando em presença da escrita na religião. E ele é um crente porque sabe da autenticidade desta escrita, através da qual

Deus passou o roteiro da salvação, conforme revela "seu" Ivo.

O conhecimento do autor desta mensagem, que é Deus, dá ao crente analfabeto a certeza da coerência da palavra aqui escrita, pois emana de uma fonte única. Logo, a escrita na Bíblia adquire para o crente analfabeto a confiança que nem sempre lhe merece em outros atos onde os autores são velados. Estes, porque são inúmeros, desconhecidos e à distância dos destinatários, usam a escrita para dizer coisas desconexas, conforme situações já referidas pelo analfabeto. A circunstancialidade do escrito comum não se verifica no escrito religioso, pois o tempo e o espaço de sua produção conjugam os destinatários ao autor único.

Confirmando a fidedignidade dessa escrita, "seu" Ivo declara:

A Bíblia é sempre igual...

Mesmo que, como texto escrito, seja parte da sociedade letrada, não segue as diversidades desta, pois, ainda segundo "seu" Ivo:

Se é a Bíblia, mesmo que seja em estrangeiro, é igual às outras.

Então, não importa o idioma que o indivíduo fale porque a mensagem bíblica que recebe é sempre igual à de todos. A Bíblia, enquanto escrito, une o tempo e o lugar de todos os homens, assim como estão unidos a Deus.

A conjugação de tempo e lugar, entre Deus e os homens, através da Bíblia, é também uma certeza de continuidade para o crente analfabeto, porque, na afirmação de Davina, este texto dificilmente será reescrito. A Bíblia distingue-se, então, dos demais escritos que podem ser refeitos ou até destruídos, como objetos materiais, conforme a percepção do analfabeto.

Como palavra de Deus, a Bíblia é única e eterna.

Através deste texto privilegiado, Deus anuncia aos homens o que devem seguir, pois, conforme "seu" Ivo,

... a Bíblia é que dá o procedimento prós pessoa.

Afirmação que é apoiada por Davina, quando chama a atenção para acontecimentos atuais já anunciados pela Bíblia. E ambos, "seu" Ivo e Davina, são crentes porque seguem a palavra de Deus contida na Bíblia.

Ainda que a imutação do conteúdo transcenda as linhas do registro escrito, a Bíblia é um objeto material, cujo conhecimento adstringe-se à sua visibilidade. Esta circunstância aproxima o Livro Sagrado dos demais textos escritos, cuja apresentação depende da vontade humana.

Assim, certos documentos são ocultados em determinadas ocasiões porque sua mostra pode comprometer o

portador. É o caso de Jaci, que esconde, junto a amigos, o documento que lhe garante a posse de determinados bens, quando da dissolução do casamento. Adélia não chega a esconder, mas tampouco expõe livremente o título eleitoral que registra sua condição de analfabeta. Tratava-se, então, de uma identidade negativa para Adélia que, na ocasião, estava excluída do universo de eleitores. Entretanto, ao contrário desses documentos, a Bíblia é sempre mostrada por seu possuidor, o crente, que a apresenta como sinal abonatório. Ilustrando, aparece o relato da situação vivida pelo pregador quando um desconhecido, de imediato, o identifica como religioso:

Porque o senhor traz a Bíblia debaixo do braço.

Não importa que o crente seja analfabeto, pois, ainda assim, não deixa de possuir a Bíblia. Este é o caso de "seu" Ivo e Davina. A propósito, "seu" Ivo é taxativo:

Todos os que seguem a palavra de Deus, os crentes, têm a Bíblia.

Além disso, prossegue informando que, por vezes, o crente dispõe de muitos exemplares do Texto Sagrado em casa, tomando-se como exemplo e mencionando outros.

Colecionar Bíblias, prática comum ao crente, parece insólito, pois trata-se de um texto único e permanente. Não obstante, além do registro escrito, há que considerar o seu conteúdo conjugado ao suporte material continente. Como livro, a Bíblia pode levar a palavra de Deus aos que não a conhecem. E o crente, mesmo analfabeto, sabe que esse conhecimento não é comum a todos, ainda que sejam letrados. Esclarecedora é a conduta de "seu" Ivo, ao oferecer uma Bíblia ao letrado com quem conversava. Da mesma forma, a presteza de Davina ao indicar a esta pessoa o lugar onde poderia adquirir a Bíblia. Assim, as palavras escritas de Deus devem ser mostradas a quem não as leu. É a forma que o crente emprega para ampliar o espaço de sua crença pela conquista de novos fiéis, mesmo letrados. A revelação da palavra de Deus inicia-se no ato do recebimento da Bíblia que o crente tem sempre à mão para ofertar. "Seu" Ivo e Davina não se limitam a preservar o espaço de ação do letrado, como D. Margarida e Adélia fazem na biblioteca; mas, como analfabetos crentes, orientam-no para nova leitura que ampliará seu espaço de conhecimento.

Mostrar a Bíblia a quem não a conhece é parte da revelação divina. Através da leitura das palavras de Deus, escritas na Bíblia, é possível conhecer o roteiro da salvação e, com isso, tornar-se um crente. Entretanto, "seu" Ivo e Davina não sabem ler, são analfabetos, assim como Francisco, que também pretende se tornar crente. Mas, aqui, no ato da leitura, a Bíblia também distingue-se dos demais textos escritos, pois não presume as indefectíveis regras da cultura escrita. Nem mesmo o pressuposto básico, a alfabetização, é argüido quando alguém é invocado, como bem ilustra o encontro de "seu" Ivo com o pregador do Evangelho:

"E, aí, você, já leu a Bíblia?"

Aí, eu disse: Como? Se eu não sei lê?

À situação de "seu" Ivo, junta-se a de Davina, bem mais premente, pois, ainda que analfabeta, foi chamada a ler a Bíblia para os demais crentes. Analfabetos, "seu" Ivo e Davina lêem.

Cada um deles lembra distintamente deste ato. "Seu" Ivo procurou aprender, conforme relata:

Eu aprendi umas letrinha na Bíblia. A partir da Bíblia. Fiz um esforço, muito esforço... mas três palavra que eu leia já chega.

Davina nem aprendeu, pois, segundo ela:

... só as letra é que não entram na minha cabeça.

Entretanto, a falta de domínio da escrita não impede que os dois leiam. Davina explica que a leitura, no espaço da igreja, foi possível por uma graça de Deus. Após a oração da madrugada, tornava-se capaz de recitar partes da Bíblia para os demais fiéis. "Seu" Ivo, através de poucas palavras, consegue ler a Bíblia. Estes acontecimentos, produzidos no espaço da religião, mostram o analfabeto agindo com suficiência em seu encontro com a cultura letrada.

A capacidade de leitura desses crentes analfabetos leva a refletir sobre o insucesso de Adélia, quando chamada a ler, em outro espaço. Como "seu" Ivo, Adélia sabe ler duas ou três palavras que, entretanto, diferentemente dele, não lhe bastam para completar uma leitura. Por outro lado, como Davina, Adélia também é chamada a ler, no curso de alfabetização. Porém, sem resultado, conforme ela refere à professora que protagonizou a cena:

Dizia que tinha que ter o estalo, enquanto não houvesse, não dava...

Dessa forma, o estalo que não houve para Adélia, no espaço da escola, ocorre para "seu" Ivo e Davina, no espaço da crença, que permite a estes apreenderem as palavras escritas por Deus.

A revelação que permitiu a leitura aos crentes analfabetos distingue-se do estalo proposto a Adélia. Estalo e revelação são processos que guardam dinâmicas diferenciadas. O estalo é instantâneo e experiência individual do sujeito, enquanto a revelação é continuada e intersubjetiva. O tempo da escola, onde estava Adélia, é delimitado e escasso, distinto da igreja, onde estão "seu" Ivo e Davina, que é indefinido, permanente. Logo, a apreensão da escrita, em cada um desses espaços, exige ritmos diferenciados. Adélia devia descobrir sozinha o que a escrita dizia, pois conforme conta, a professora

ficava lá na frente, com o livro dela, de perna cruzada, lendo...

A distância e a indiferença do letrado, que propõe a leitura para Adélia, contrasta com a aproximação e sensibilidade que cercam "seu" Ivo e Davina, ao viverem o mesmo apelo. Neste espaço o letrado não se afasta para ler o seu livro porque este é igual ao de todos. Sendo idêntica, a Bíblia conduz à leitura conjunta, onde são imperceptíveis as diferenças entre letrados e iletrados.

Percorrendo o mesmo caminho, o roteiro da salvação, ainda que escrito, revela-se ao crente analfabeto como um ato conjunto e solidário.

O desvelar das palavras de Deus perpassa a escrita e prossegue por múltiplos encadeamentos até envolver os que assistem, os crentes. Aliás, o registro escrito é apenas uma memória, como bem situa "seu" Ivo:

Deus mandou dizê isso, mas a gente aqui não agarrou tudo. Então, deixou escrito, né? Uma recordação, né? E a Bíblia é uma carta em que Deus mandou dizê isso.

Ao mandar dizer, Deus nomeou porta-vozes para transmitir suas palavras. Dos primeiros, só há lembrança daqueles que escreveram a mensagem e, junto a esta, os

seus próprios nomes. São os profetas lembrados por "seu" Ivo e Davina. Eram letrados, obviamente, estes profetas, pois coube-lhes a incumbência de escrever as palavras de Deus para que permanecessem. E a mensagem circula entre os homens pela leitura reiterada da Bíblia, mas, fundamentalmente, pela palavra de outros porta-vozes, os crentes.

Logo, para transmitir as palavras de Deus, o roteiro da salvação, não é preciso que o crente seja um letrado. Saber ler não credencia a pessoa nos ensinamentos da Bíblia. Aliás, "seu" Ivo é bastante enfático a esse respeito, colocando em dúvida a capacidade do letrado em realizar a leitura da Bíblia. Toma como exemplo a própria filha:

(é) professora e não consegue lê a Bíblia. Às vezes, pergunta: "Pai, como é isso? Não sei o que quer dizê." Mas eu sei.

Davina reitera as afirmações de "seu" Ivo e coloca:

Só agora é que as pessoas começa a entendê a Bíblia.

Então, mais que a simples leitura, é necessário que a pessoa interprete a mensagem. Esclarecimento só possível àqueles que foram reunidos através do tempo, no espaço da crença. "Seu" Ivo e Davina alinham-se entre esses intérpretes da Bíblia porque a sua condição de analfabetos não os separa dos demais crentes, mensageiros das palavras de Deus.

Contudo, a Bíblia é a referência escrita das palavras de Deus e para recorrê-la faz-se necessária a presença do letrado, na reunião dos crentes. Unidos pela crença, aonde quer que estejam, os crentes são reunidos num espaço e tempo determinados para a leitura coletiva das palavras de Deus. Neste momento, no culto, o letrado, por seu domínio da escrita, é escolhido para rever os ensinamentos da Bíblia.

Isso não implica que qualquer letrado tenha condições de fazer essa leitura. Como no espaço dos contratos, ele distingue-se dos demais letrados pelo conhecimento específico que detém da leitura realizada. Mas se, anteriormente, era-lhe exigido apenas autoridade sobre o conteúdo da mensagem, agora, na religião, é chamado a realizar uma leitura vigorosa e atuante. O letrado deve aqui influir sobre os que o ouvem, exteriorizando o que está escrito. É imprescindível, conseqüentemente, que seu conhecimento inclua o dom da palavra para que a leitura seja convincente. A persuasão envolve a dramaticidade da palavra, levando o pregador ao uso pleno da voz e do gesto. A sua oralidade transforma o texto imutável da Bíblia, atualizando a mensagem de Deus para os crentes que a ouvem, segundo o tempo e lugar onde estiverem. A presença e ação dos pregadores, no decorrer dos cultos observados, evidenciam tal assertiva. A influência que exercem sobre os crentes pode ser apurada nas palavras de "seu" Ivo, quando se refere a um deles, lembrando não só de suas palavras, mas dos gestos que as cercam. A "recordação" que a Bíblia significa para ele, crente analfabeto, é reiterada pela voz candente do pregador.

Leitor privilegiado da Bíblia, o pregador explora todo o potencial de sua oralidade para congregar os fiéis à crença. Este domínio da palavra, que lhe permite falar e ser ouvido por muitos, poderia levá-lo a pregar em espaços mais amplos. Mas a ampliação de sua voz, que conclama os homens à crença, implicaria o seu distanciamento da pre-

sença imediata dos crentes para falar-lhes pelo rádio ou televisão.

Aliás, o rádio ou televisão são meios a que alguns crentes recorrem

Às vez, muito pouco, assisto à televisão ou ouço o rádio.

Assim sendo, o pregador pode usar esses meios para ampliar sua voz, conforme a informação da própria Davina:

O pastor fala todos os dia, na televisão e no rádio.

Porém, dá a impressão de não saber exatamente a localização do pregador que, segundo ela,

... parece que é lá do Rio de Janeiro.

Assim, o grupo de Davina movimenta-se através dos deslocamentos da voz possibilitados pelo rádio e televisão. Significativo é seu informe sobre uma situação onde participou no rádio, cantando no coral da igreja. Fato que é acrescido pela sugestão feita ao letrado para que ouvisse ou assistisse as pregações, no rádio ou televisão. A indicação precisa dos horários dos programas, quando diz:

Ele aparece às 8h da manhã, no canal 10, todos os dias, menos sábado e domingo. E ele fala, também, às 11h da manhã, na rádio Globo.

reforça o apelo contido, quando refere o local onde pode ser encontrada a Bíblia:

Tem ali, sabe? Perto do restaurante do Centro... tem um lugar que vende Bíblia. Tá cheio de Bíblia, lá.

Nas declarações de Davina sobre a oralidade mediada das palavras de Deus, é possível verificar a diferença de pensamento que orienta seu grupo de crentes daquele a que pertence "seu" Ivo. Neste, os crentes analfabetos não podem receber as palavras de Deus pelo rádio ou televisão porque, segundo um dos pregadores:

... nem baile, nem cinema, nem televisão. O crente é uma pessoa feliz.

Sendo feliz, o crente não precisa procurar, no rádio ou televisão, músicas ou novelas para se distrair. Uma frequentadora assídua desses meios declara que não consegue acompanhar as notícias pela televisão porque não

aparecem por inteiro. Ora, as palavras de Deus devem ser transmitidas integralmente para que o crente não se perca de seu sentido. A concentração necessária só é possível nos espaços onde se reúnem os fiéis para o seu culto.

De onde cada um deles parte como mensageiro das palavras de Deus escritas na Bíblia. O crente analfabeto é um deles que, sendo irmãos, partilham entre si e com os outros o roteiro da salvação.

Na partilha da Bíblia entre crentes letrados e iletrados há a reciprocidade do dar e receber que sugere a troca imanente à cultura. Convergência que leva ao tema e fundamentos teóricos deste trabalho.

A série de atos de comunicação, que constituem a cultura, permitem acompanhar a participação do analfabeto na sociedade complexa, através dos princípios de organização que orientam seu comportamento.

As ações observadas do analfabeto, aqui presentes, levam a considerar que sua vivência se estabelece no tempo e espaço real onde se move. Nesta realidade, o analfabeto convive com a escrita percebendo-lhe os propósitos e alcance.

A escrita chega ao analfabeto como um apelo que o faz intervir. Ele é o mediador que interpreta esta linguagem, transformando-a de registro estático e inamovível em mensagem dinâmica. Imprime-lhe as marcas da oralidade que conhece por inteiro.

Oralizando o escrito, o analfabeto situa os fatos onde acontecem e, com isto, funda as regras de seu comportamento. Os princípios que regem sua conduta são formados pela interação contínua com os demais integrantes da sociedade onde vive. Logo, o analfabeto é um participante que contribui, junto aos outros, para a transformação contínua desta sociedade complexa.

A visão de mundo do analfabeto estende-se por um amplo espaço, onde os acontecimentos passados são guardados em sua memória, fazendo-o perceber o presente e, daí, projetar o futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDULAZIZ, M. H. De vive voix: profondeur et dimensions de la communication orale. *Courrier de l'Unesco*. Paris, p. 63-5, Août/Sept. 1982.

AIMATOV, C. T. Diversidade cultural e novos meios de comunicação: cada língua é um mundo. *Correio da Unesco*. Paris, 10(9):35-9, set. 1982.

BEN JELLOUN, T. Culturas em contato: o escritor entre dois mundos. *Correio da Unesco*. Paris, 10(9):17-9, set. 1982.

BRANDÃO, C. R. *Casa de escola: cultura camponesa e educação rural*. Campinas, Papirus, 1983.

BRANDÃO, C. R. *Lutar com a palavra: escritos sobre o trabalho de educação*. Rio de Janeiro, Graal, 1982.

CALAME-GRIAULE, G. *Ethnologie et langage*. Paris, Gallimard, 1965.

CHERRY, C. *A comunicação humana*. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1971.

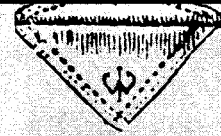
CIPOLLA, C. M. *Introdução e desenvolvimento no Ocidente*. Lisboa, Ulisséia, 1969.

CONNANT, J. *Dois modos de pensar: meus encontros com a ciência e a educação*. São Paulo, Nacional, 1968.

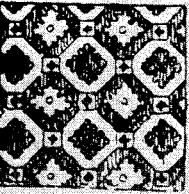
- CORTÁZAR, J. Um povo na escola da liberdade. *Correio da Unesco*. Paris, 8(8):12-3, ago. 1980.
- DAUSTER, T. *O cavalo dos outros: um estudo sobre a categoria social educação e os alunos do Programa de Alfabetização Funcional do Mobral*. Rio de Janeiro, 1978-9. mimeo.
- DETIENNE, M. Le Grec à deux têtes. *Critique*. Paris, 36(394):197-216, mar. 1980.
- DUMERY, H. Orale: transmission. In: *ENCYCLOPEDIA universalis*. Paris, 1968-75. v. 12, p.152-4.
- DURBIN, M. Cognitive anthropology. In: *HANDBOOK of social and cultural anthropology*. Chicago, McNally College, 1973. p.447-77.
- ERNY, P. *Etnologia da educação*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- ESCARPIT, R. *L'écrit et la communication*. 18.éd. Paris, Presses Universitaires de France, 1978.
- FERNANDES, R. C. Religiões populares: uma visão parcial da literatura recente. *BIB*. Rio de Janeiro, (18):3-26, 2.sem. 1984.
- FINGERET, A. *The illiterate underclass: demythologizing an American stigma*. New York, Syracuse University, 1982.
- FREEMAN, H. E. & KASSEBAUM, G. G. The illiterate in American society: some general hypothesis. *Social Forces*. Baltimore, 34(4):371-5, May 1956.
- GARCIA, M. T. *Um saber sem escrita: visão de mundo do analfabeto*. Porto Alegre, 1987. Dissert. (mestr.) Antropologia Social/UFRGS.
- GOODNOUGH, W. H. Educação e sociedade. In: *ANTROPOLOGIA e educação*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961. p.75-90.
- GOODY, J. Les chemins du savoir oral. *Critique*. Paris, 36(394):189-96, Mars 1980.
- _____. *La logique de l'écriture: aux origines des sociétés humaines*. Paris, A. Colin, 1986.
- _____. *La raison graphique: la domestication de la pensée sauvage*. Paris, Minuit, 1979.
- HALL, E. *A dimensão oculta*. 2. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.
- _____. *The silent language*. New York, Doubleday, 1959.
- HSU, F. L. K. *O estudo das civilizações letradas*. São Paulo, EPU, 1974.
- HUSÉN, T. Marcos numa longa estrada. *Correio da Unesco*. Paris, 11(7):13-8, jul. 1983.
- JONES, W. World views: their nature and their function. *Current Anthropologist*, 13(1):79-109, fev. 1972.
- KHÔL, L. T. Analfabetismo, um inimigo renitente. *Correio da Unesco*. Paris, 11(7):9-12, jul. 1983.
- KLINBERG, C. A evolução de um conceito: cultura e culturas em um mundo em contato. *Correio da Unesco*. Paris, 10(9):9-11, set. 1982.
- LE GOFF, J. Memória. In: *ENCICLOPEDIA Einaudi*. Porto, Imprensa Nacional, 1984. v.1, p.44.
- LEROI-GOURHAN, A. *O gesto e a palavra: técnica e linguagem*. Lisboa, Edições 70, 1964.
- LÉVI-BRUHL, L. *L'âme primitive*. Paris, 1927.
- _____. *Les carnes*. Paris, Presses Universitaires de France, 1949.
- _____. *L'expérience mystique et les symboles chez les primitifs*. Paris, 1938.
- _____. *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*. Paris, Alcan, 1910.
- _____. *La mentalidad primitiva*. Buenos Aires, Leviatan, 1947.
- LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. 2.ed. São Paulo, Nacional, 1976.
- M'BOW, A. M. A campanha nacional de alfabetização da Nicarágua. *Correio da Unesco*. Paris, 8(8):10-1, ago. 1980.
- _____. *Cultura e desenvolvimento: a dimensão humana*. *Correio da Unesco*. Paris, 10(9):4-8, set. 1982.
- _____. *Educação para todos*. *Correio da Unesco*. Paris, 11(7):4, jul. 1983.
- MOLES, A. A ecologia dos atos. In: *A UNIDADE do homem: invariantes biológicos e universais culturais*. São Paulo, Cultrix, 1978. p.160-5.
- OLIVEIRA, J. A. *Cartas de Goiás: mensagens de um escritor analfabeto*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1977.
- RICE, E. On cultural schemata. *American Anthropologist*, 1980.
- RIESMAN, D. As tradições oral e escrita. In: *CARPENTER, E. & MCLUHAN, M. Revolução na comunicação*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- RYAN, J. W. O difícil acesso ao mundo da escrita. *Correio da Unesco*. Paris, 8(8):22-6, ago. 1980.
- SAMAIN, E. Antropologia visual: mito e tabu. In: *REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 15. Curitiba, 1986.
- _____. Reflexões sobre o tratamento dos mitos. *Revista de Antropologia*. São Paulo (27/28):233-43, 1984-5.
- SAPIR, E. A fala como traço de personalidade. In: _____. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1961. p.63-78.
- SRIBNER, S. & COLE, M. *The psychology of literacy*. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1981.
- SELEMAN, N. Y. Como um arado puxado por uma vaca. *Correio da Unesco*. Paris, 8(8):21, ago. 1982.
- STUBBS, M. *Language and literacy: the sociolinguistics of reading and writing*. London, Routledge & Keagan Paul, 1980.
- UM SABER sem escrita. *Correio da Unesco*. Paris, 8(8):19-21, ago. 1980.
- ZUMTHOR, P. *Introduction à la poésie orale*. Paris, Senil, 1983.
- 800 MILHÕES de adultos privados de um direito elementar. *Correio da Unesco*. Paris, 8(8):4-9, ago. 1980.



sapato



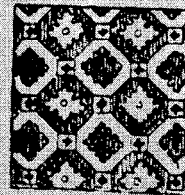
pedra



tapete



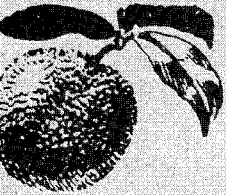
selo



escorpião



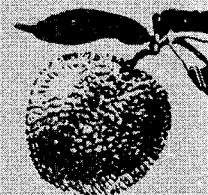
facão



laranja



panela



coroa



coroa



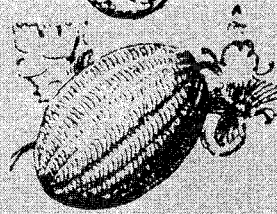
dama



medalha



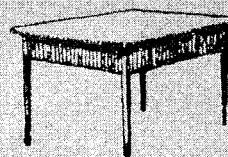
damasco



melancia



paró



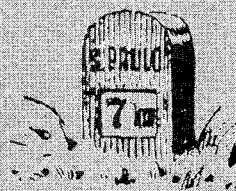
mesa



cabra



caçaria



cabrito

caçaria



camelo

caçaria



caçaria

